



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

HISTÓRIAS DE VIDA E TRABALHO NA TERRA: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES CAMPONESAS

Maria Marlete Ferreira Gomes¹ - Unifesspa
Idelma Santiago da Silva² - Unifesspa

Agência Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda narrativas orais de história de vida de mulheres do Acampamento Tibiriçá, município de Marabá, Sudeste do Pará. O estudo discute as trajetórias e experiências de trabalho na terra das mulheres entrevistadas, buscando compreender também sua participação nos processos de migração e na luta pela terra. A pesquisa insere-se no âmbito do projeto de pesquisa *História das mulheres do campo: memórias e identidades na luta pela/na terra no sudeste do Pará*, especificamente através da implementação do plano de trabalho *Histórias de vida e trabalho na terra: experiências de mulheres camponesas no sudeste do Pará*.

A abordagem realizada pelo presente estudo referenciou-se nos conceitos de experiência (THOMPSON, 1981; SCOTT, 1999; LARROSA, 2011) e trabalho (RESENDE, 2009; ANTUNES, 2005) e na categoria de divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2009; TORRES, 2012; REIS FILHO, 2012). Além disso, apoiou-se nos estudos sobre a experiência da luta pela terra no Sudeste do Pará e noutras partes da Amazônia, incluindo ou não o enfoque de gênero (PEREIRA, 2013; GUIMARÕES NETO, 2010; SILVA, 2004; BEZERRA, 2008; SILVA, 2007).

O Acampamento configura-se como uma prática fundamental nas estratégias dos trabalhadores/as rurais na luta pela terra no sudeste do Pará, especialmente a partir de meados da década de 1990, quando ocorre a transição da “luta posseira” a “luta sem terra”. Os acampamentos têm sido nos últimos anos um dos espaços considerados tanto pelo Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais, assim como pelo o Movimento dos Sem Terra (MST), espaços educativos e de formação de novas lideranças, tendo em vista que desde o início contam com a participação de homens, mulheres, jovens e crianças, ampliando os protagonistas diretos da luta pela terra na região e fazendo emergir preocupações de gênero e geração.

O Acampamento Tibiriçá foi criado a partir da ocupação, por trabalhadores/as rurais, de uma área da fazenda do grupo Tibiriçá. Ele está localizado a 17 km da sede do município de Marabá, reunindo aproximadamente 85 famílias de trabalhadores (as) rurais organizados através do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Marabá, vinculado a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura (FETAGRI) e apoiado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT).

O objetivo da investigação procurou compreender na dinâmica de um caso de luta pela terra, a participação das mulheres no tocante ao trabalho produtivo, incluindo a dimensão de produção discursiva de suas experiências, tendo a memória como fonte do conhecimento.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento do plano de trabalho foi adotada a metodologia da história oral e o recurso à memória e à narrativa oral, por acreditar que elas possibilitam a produção (configuração) das experiências

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo (FECAMPO/ICH/Unifesspa). Bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. marly_lete@hotmail.com

² Professora Orientadora PIBIC/CNPq. Doutora em História, Professora da Faculdade de Educação do Campo e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, do (ICH/Unifesspa). Coordenadora do Projeto de Pesquisa *História das mulheres do campo: memórias e identidades na luta pela/na terra no sudeste do Pará*, com apoio do CNPq.



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

de vida das mulheres, de suas visões sobre os eventos passados e sua participação neles, bem como às compreensões que elas elaboram sobre a luta, a resistência, o trabalho e os desafios que identificam nesse processo que envolve a conquista da terra no sudeste do Pará.

Nesse fazer, optamos especificamente pela técnica de entrevista de história de vida. Foram realizadas quatro entrevistas orais gravadas (em áudio), transcritas e analisadas, tendo como resultado a produção de um artigo acadêmico-científico. Além disso, na primeira fase da pesquisa realizamos a aplicação de um questionário dirigido as famílias acampadas, com a tabulação quantitativa dos dados, o que nos possibilitou visualizar informações fundamentais sobre o contexto geral do trabalho e da produção no acampamento, inclusive da participação das mulheres nos processos produtivos. Esse também resultou na elaboração de um artigo, ambos comunicados oralmente em eventos acadêmicos. As referências teórico-metodológicas da história oral e da abordagem com a memória foram Delgado (2006) e Velho (1994).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Acampamento Tibiriça é constituído por uma diversidade social evidenciada pelas trajetórias de migração. Das 85 famílias que moram na área 37% são maranhenses, 26% do Estado do Pará, 15% do Piauí, 12% do Tocantins e as demais famílias estão distribuídas nos Estados de Goiás, Bahia, Paraná e Ceará. Essas famílias, mesmo sem definição de desapropriação da terra e, portanto, sem acessar as políticas públicas, permanecem cada uma em seu lote de terra, demarcado pelos próprios trabalhadores/as, onde moram em casa de “pau a pique” e produzem culturas anuais, como arroz, feijão, fava, milho, hortaliças, mandioca e criam pequenos animais.

As quatro mulheres entrevistadas são migrantes, compartilhando das experiências e das memórias de seu grupo social: a migração em busca de terra e trabalho constitui uma recorrência na história do campesinato do sudeste paraense, especialmente através da migração intergeracional nordestina em direção a Amazônia oriental brasileira. Nas suas narrativas “os momentos importantes de sua vida – aparecem para reforçar a sua trajetória direcionada à “luta pela terra” (GUIMARÃES, 2010, p. 70) e essa como espaço de vida e trabalho.

Outra marca na história de vida das narradoras se refere a sua participação com o trabalho na agricultura familiar. Para elas o trabalho, além de ser uma atividade de produção da existência material, representa valores: “o significado da vida de agricultoras tem para cada uma delas um valor centrado no trabalho.” (REIS FILHO, 2012, p.174). Assim, o trabalho enquanto uma atividade humana tem sido ressaltada nas narrativas das mulheres associando trabalho e socialização do grupo familiar, bem como o entrelaçamento das dimensões material e cultural do trabalho no interior do grupo social. Além disso, reconhecem o trabalho como atividade produtiva e essa inclui aquelas desenvolvidas no ambiente doméstico. Portanto, algumas reivindicam o reconhecimento de sua agência produtiva desde a infância.

Os dados resultantes da aplicação do questionário com as famílias do Acampamento forneceram informações acerca da divisão sexual do trabalho. Falar da divisão sexual do trabalho é, sobretudo, pensar nesse conjunto de relações que envolvem questões ligadas a constatações de desigualdades atribuídas entre homens e mulheres. Portanto, a distinção entre homens e mulheres presente na divisão sexual do trabalho não é simplesmente uma forma para designar uma repartição das tarefas entre homens e mulheres, como uma complementaridade, mas traduz uma relação de poder (KERGOAT, 1998).

Nesse contexto, vimos que das 85 famílias que vivem no lote, 95% declara que a decisão sobre a divisão do trabalho é realizada pelo chefe da família. Contudo, envolve elementos “naturalizados” da divisão sexual do trabalho no campo, onde geralmente as tarefas femininas são aquelas consideradas mais leves por seus companheiros, como: encoivarar, capinar e colher, incluindo os trabalhos domésticos. Já em se tratando do trabalho masculino as atividades destinadas são aquelas que exigem maior força física como: roçar, derrubar, queimar e plantar, geralmente atividades realizadas pelos homens.

Contudo, no acampamento mesmo havendo essa distribuição da divisão sexual do trabalho, encontramos mulheres que vem desenvolvendo diversas atividades no lote da família, inclusive as tarefas tidas como trabalho de exclusividade do gênero masculino. Isso tem sido uma realidade que está presente nas



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

histórias de vida das mulheres que durante esse processo da luta pela terra tem vivenciado inúmeras experiências no campo do trabalho.

No contexto da luta pela terra na região, as mulheres têm desempenhado uma polivalência de atividades e ou duplas jornadas de trabalho, ainda que não se enquadre nas relações de trabalho assalariado, como as condições ressaltadas por Antunes (2005, p. 108): “A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa”. Mas, por outro lado, a pouca visibilidade e ou valorização social do trabalho feminino tem sido muito comuns em diferentes contextos.

Ainda que as mulheres pratiquem o trabalho no campo esse trabalho na maioria das vezes é caracterizado por elas como leve ou pesado, uma vez que o trabalho considerado “pesado” nem sempre aparece como tarefa exclusiva do gênero masculino como é o caso do trabalho realizado na roça. Segundo as mulheres aqui pesquisadas nem todos os serviços são leves, o trabalho pesado para elas é visto, sobretudo pela dupla jornada de trabalho dentro e fora de casa. Assim sendo, o trabalho leve ou pesado não passa de mera representação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas das mulheres entrevistadas evidenciam o trabalho como atividade enquanto produção de si e como produção cultural mais ampla. Nas histórias aqui analisadas, vimos que os temas que marcam as trajetórias de vida dessas mulheres são migração, família e trabalho na terra. Estes se configuram como elementos significativos de suas identidades “camponesas”.

Por isso, “o sentido da roça” como um dos enunciados das narrativas diz mais do que uma opção de alguém que gosta da roça, tem uma relação, sobretudo afetiva e cultural, bem como política por afirmar-se protagonistas da luta social do campo.

As experiências e memórias dessas mulheres adquirem relevância para a (re)produção sociocultural camponesa e ou seus projetos de futuro, pois são elas, em especial, que veem a necessidade de ensinar os conhecimentos às novas gerações, bem como promovem o trabalho na sua dimensão de socialização do grupo. O que reflete a própria experiência formadora dessas mulheres: a referência ao trabalho e a socialização familiar.

A experiência das mulheres na luta social pela e na terra, forja o coletivo como valor para si, ao mesmo tempo que são forjadas no interior de coletividades concretas. Conforme Scott (1999, p.16) a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito.

Ainda que as mulheres permaneçam no cotidiano da luta, tem sido uma participação relegada a invisibilidade ou pouco valorizado no interior do seu próprio grupo social. Por isso, metodologias de pesquisa como a história oral, tendo a memória como fonte de conhecimento possibilita, por um lado, a produção de visibilidade e, por outro, o aproveitamento dessas experiências para ampliar a compreensão acerca das resistências camponesas.

Assim sendo, faz-se necessário dizer que as mulheres são fundamentais no processo de luta e permanência na terra, porque, dentre outros papéis, elas assumem uma agência fundamental no trabalho produtivo familiar. Isso é uma realidade não só na região Sudeste do Pará, mais recorrente em outras regiões do país.

5. REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Silvia Lacerda. Entrevista Oral [gravada] concedida a Maria Marlete Ferreira Gomes. Marabá, 1º abr.2015. 1h

BOCH, Maria Antônia Sousa Silva. Entrevista Oral [gravada] concedida a Maria Marlete Ferreira Gomes. Marabá, 5 abr.2015. 50min

FERREIRA, Francisca da Silva. Entrevista Oral [gravada] concedida a Maria Marlete Ferreira Gomes. Marabá, 8 jun.2014. 50min



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

SOUSA, Maria Dagmar Ferreira. Entrevista Oral [gravada] concedida a Idelma Santiago da Silva e Maria Marlete Ferreira Gomes. Marabá, 30 nov.2013. 1h50min

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. A classe-que-vive-do-trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje. In:____. **Os sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editorial Boitempo, 2005, p. 101-117.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Historia oral**: Memória, Tempo, Identidade, Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15-31.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Acampamento: In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

GUIMARÃES NETO, Regina B. **História, política e testemunho**: violência e trabalho na Amazônia brasileira. A narrativa oral da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Confresa (MT), Aparecida Barbosa da Silva. *História Oral*, v.13, n.1, p.53-86, 2010.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo: In: HIRATA Helena et.al. (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67-75.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p. 04-27, jun./dez. 2011.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo. Recife, 278f. Tese (doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

REIS FILHO, Milton Melo dos. O lugar do trabalho de mulheres e homens em Isidoro e Barro Alto.In: TORRES, Iraíldes Caldas (org.). **O ethos das mulheres das florestas**. Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2012, p. 169-178.

RESENDE, Anita C. Azevedo. **Para a crítica da subjetividade reificada**. Goiânia: Editora da UFG, 2009, p. 34-56.

RIOT-SARCEY, Michele. Poder(es). In: HIRATA Helena et.al. (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. Naira Pinheiro (trad.). São Paulo Editora UNESP, 2009, p. 183-188.

SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: SILVA, Alcione L. da, LAGO, Mara Coelho de S. e RAMOS, Tânia Regina O. (Orgs.). **Falas de gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999, p. 21-55.

SILVA, Idelma Santiago da.**Trajetória de vida e trabalho**: Migração e cultura numa região da Amazônia oriental brasileira/comunicação para o III Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe Brasil (CECEB), 20 a 24 de outubro de 2004.

SILVA, Kecieni Nunes da.“**Cada lugar aqui eu sinto que tem minha contribuição**” – gênero e subjetividades na luta pela terra no sudeste do Pará: Assentamento Palmares II/Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Marabá: UFPA, 2007. 87 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Colegiado de Ciências Sociais, 2007.



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. In: __ **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.180-199.

TORRES, Iraildes Caldas. Reflexões sobre trabalho leve e pesado das mulheres na Amazônia. In: TORRES, Iraildes Caldas (org.). **O ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2012, p. 197-209.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: __. **Projetos e Metamorfoses**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Znanhar, 1994, p. 97-105.